



LUTO  
SEM CAUSA

2

Vinícius Tadeu

**O primeiro pedaço** do espelho estava agora em minhas mãos. Eu o havia recolhido com cuidado para não ferir a pele fina dos meus dedos em suas bordas afiadas, uma tarefa que as mãos trêmulas não facilitaram em nada. Também não foi uma tarefa de escolhas, mas aquela que a visão curta e turva me permitiu definir: o objeto mais próximo. Foi penoso vencer a outra distância envolvida na aventura e nem consigo me lembrar de qual foi a última vez que tentei tal proeza, se bem que nos últimos anos me sentia mais próxima do chão do que do teto; a doença cifose havia promovido esta aproximação.

*Acredito que ainda sobrou um pouco de mulher nessa carcaça.* Quase ri com a graça, isto porque eu quis voltar a olhar no espelho mesmo depois de quebrá-lo. — Sete anos de azar! — resmunguei, como se isso me importasse em alguma coisa. Há muito e muito tempo eu tinha aceitado a longevidade como uma sina.

*Um fardo pesado demais para carregar!*

O peso de um corpo decrépito que a mente cansada não devia ser obrigada a suportar.

A carga que me fez lançar longe o espelho que ousou expor toda essa minha fragilidade, e cujo espatifar ainda ressonava em meus ouvidos.

*Quisera eu explodir em mil pedaços.*

Comecei a levantar o caco de espelho para trazê-lo próximo ao rosto, isso porque eu sabia ser impossível ter uma visão nítida de outra forma. Olhei para o braço aproximando o pequeno objeto e, assim que pude observar o que ele refletia, parei estática.

Balancei a cabeça para os lados, pisquei os olhos por duas ou três vezes, *eu não queria e não podia acreditar no que estava vendo.*

— O que é isso? — Uma menina, braços baixados, corpo de lado e rosto voltado para mim estava nitidamente refletida. Seus cabelos loiros e longos estavam presos para trás por uma tiara e ficaram divididos em ambos os ombros cobrindo o corpo até a altura dos cotovelos. Barriga saliente, realçada por uma calça legging preta e blusa de lycra de mangas curtas; tênis e meias soquetes nos pés.

*Como é possível?*

O pensamento foi imediato e duplo: como eu podia enxergar naquela distância... e não tinha nenhuma foto pregada no espelho. *Eu tenho certeza!* — Então, de onde vem essa imagem? Quem é ela?

Ela segurava em cada uma das mãos barras grossas de chocolate, chocolate ao leite, eu nem precisei ler, uma delas comida até a metade.

Senti o adocicado sabor e o aroma suave.

Aproximei mais e... estranhei... À medida que aproximava o espelho a figura aumentava em tamanho. Posicionei para ver com detalhes o rosto.

— Sim! Sou eu... quando tinha entre nove e dez anos. Gorda... é impossível ver o pescoço.

*Gordinha*, olhos no fundo, quase fechados pela junção das bochechas altas e da região dos cílios bastante alteadas pelo acúmulo de gordura.

*Comilona*, lábios e bordas da boca com contornos de um marrom escuro... *melecada de chocolate*. — É... sou eu mesma.

O cheiro ficou mais acentuado e minha boca ressecada começou a se umedecer. Podia sentir o sabor, e tive a impressão de que um pequeno pedaço derretia em minha boca. Lambi os beiços e, por pouco, não passei a língua no pedaço de vidro. Mas, por sorte, me limitei a lamber um dos dedos, como se tivesse também impregnado daquele sabor. Melhor assim, ou teria me cortado.

Voltei à realidade.

*Onde foi parar a velha torta e enrugada... e a miopia?* Levei uma das mãos ao rosto e descobri, tirei o foco do espelho e a visão nítida também sumiu.

*Parece papel amassado desdobrado!*

*E só vejo borrões!*

Porém, o espelho foi implacável.  
Doces e mais doces, e a menina cada vez  
mais gorda.



**O segundo pedaço** deu tanto trabalho para ser recolhido quanto o primeiro, e eu senti novamente o peso da idade.

Enquanto enfrentava a maratona de caminhar até onde tinha caído aquela parte do espelho, eu tive tempo de repassar um pouco a vida depois dos dez anos, e constatei que o apetite, principalmente aquele por doces, tinha me acompanhado vida a fora. Mas eu precisei praticamente abandonar esse hábito para dar vasão a outra prioridade que exigia espaço.

*Eram incompatíveis*, recordo. Confesso que foi a primeira grande perda “voluntária”, embora, até então, eu não sabia que ao longo dos tempos eu teria que me acostumar a abrir mão de umas coisas em troca de outras. E que ao menos uma delas me faria grande falta por anos a fio.

A mocinha do espelho estava correndo no corredor de um shopping, e isso chamou minha atenção. Cada cena, cada gesto, cada pensamento dela estava impresso em minha mente.

Vi quando ela parou em frente a uma loja. E, pela primeira vez, não era uma de doces.

*Que blusinha lindinha, quando eu crescer eu vou comprar uma igualzinha.* Fiquei olhando a menina que olhava a blusa.

É fato que nunca comprei aquela e nenhuma parecida com ela, naqueles tempos não podia me dar ao luxo e, depois, a blusinha perdeu a graça. Mas vieram outras, modernas, adaptadas a cada idade da minha vida.

*Se eu quero ser bonita, tenho que abrir mão.*

Acompanhei Nicinha passar em frente a um quiosque de doces olhando para o outro lado, o lado das vitrines e das roupas femininas.

Nessa hora eu notei que o pedaço de espelho apresentava uma coloração de fundo em tom rosa. Peguei o primeiro que tinha deixado apoiado na mesa... fundo branco. Estranhei!

A mocinha tinha sumido e voltou mais velha, uma moça. Usava uma minissaia amarela bastante curta. Estava maquiada e se preparava para sair. Um carro buzinou em frente ao portão.

— Fred, eu já vou — ela gritou.

Fred... a quanto tempo não ouço este nome.

— Oi, Nice, vamos — Fred a beijou, assim que ela entrou no carro.

— Aonde vamos hoje?

— Balada no Gris e, depois, motelzinho.

— Fechou!

Depois disso, dias e mais dias seguidos de visitas a cabeleireiro, boutique, loja de sapatos, e mais baladas e motéis. E, meses... e anos corridos.

Aquele tipo de cenário foi interrompido, de outra forma eu teria que reviver todos os lugares por onde passei com diferentes Josés e Joãos.

Meu casamento também não fez parte das reprises, mas o que veio a seguir fez com que minhas pernas, já bastante bambas, não conseguissem mais manter o peso do meu corpo. Sentei-me, com o espelhinho preso nas duas mãos trêmulas. O corpo todo tremia. Não sei de onde vinham as forças para tremer, mas era isso que estava acontecendo.

— Carlos... Carlos... Carlos... — Logo após o meu casamento Carlos entrou na minha vida; ficou um bom tempo e depois saiu. Mas eu nunca consegui de fato sair da vida dele.

Meus pensamentos foram arrastados para lugares diversos, antigos, mas saudosos.

Apertei o caco de vidro contra o peito até sentir dor, quando afrouxei o aperto tinha sangue nos dedos e na pele abaixo do pescoço.

Acaricieei o vidro como se fosse pele. A pele dele. Toquei em seu rosto, mas estava frio.



Nessa hora, meus pensamentos estavam voltados para uma cena de despedida que nunca existiu, a não ser no meu íntimo mais profundo:

Eu indo embora e ele, parado, me olhando partir. Como eu esperei naquela hora um simples “pare” ou “volte”, mas até meus sonhos negaram esta alternativa.

Quando voltei a olhar para o espelho havia manchas vermelhas nas bordas e, no centro, cenas de um enterro ao qual não tinha ido.

*Eu não ousaria!* E, à época, não ousei. Ainda achava estar profanando um momento para o qual havia recebido convite expresso para não ir.

Quantas vezes eu me peguei imaginando como teria sido, mas a coragem não foi o bastante para perguntar a qualquer conhecido como foi.

*Devia ter ido!?*

*Não!* Sabia ser a excluída... excluída da vida e dos pensamentos daquele ao qual estava presa.

Quando baixaram o caixão e os primeiros punhados de terra foram jogados, e as lágrimas cobriram meu rosto e se misturaram ao sangue abaixo do pescoço, eu joguei a única coisa que tinha nas mãos: o pedaço de espelho.

Foi nessa hora que eu percebi que, até ver aquela cena, em meu coração, eu ainda o tinha como vivo.

*Sua morte esteve o tempo todo em minha cabeça, mas não no meu coração.*

— Eu não vi... eu não aceitei.

Agora não mais. Foram quarenta anos de ilusão destruídos por uma única e rápida visão. Ele, no caixão, mãos postas e rosto pálido.

— Sim! Carlos morreu, e não vai mais voltar. Nunca mais o verei!

Eu tinha desmoronado quando acompanhei o cenho do morto franzindo, como se pressentisse o meu olhar e uma invasão de privacidade. Mas as cenas tinham continuado no corpo desfalecido.

No chão, em prantos, senti o coração sendo perfurado como se lhe pregassem uma tarja de luto.

Estava tateando aleatoriamente procurando por um apoio para me reerguer, quando me lembrei dos demais pedaços. Eu pedia mais, sentia a necessidade de continuar. Não podia parar agora, precisava ver mais, muito mais.

Novo calvário para encontrar mais um deles, agora mais complicado pelos olhos banhados em lágrimas, somados à vista curta e turva.

Não sabia se existiam mais e quantos mais, mas sabia que precisavam existir; eu precisava deles.

E precisava encontrá-los.

De joelhos, e com uma das mãos apoiada no piso, tateei com a outra o chão até tocar um dos objetos cobiçados. Engatinhando, consegui chegar até a mesa, e a usei como apoio para me levantar.

As imagens apresentaram nova nitidez assim que olhei para o espelho.

Cenas fortes.



**O terceiro pedaço** estava amarelo, cor de ouro, e trouxe com ele uma fase da minha vida em que me via aprendendo, ou melhor, sendo ensinada que nem todo caminho tem volta; não na vida.

*Nela, algumas estradas são de mão única.*

Com Carlos conheci certa bonança e, na falta dele, me enveredei por caminhos reprováveis, e com outros homens que pudessem me garantir os gastos tão necessários à manutenção do padrão ao qual havia me acostumado.

— É... tentava adquirir bens e acumular fortuna, mas foi tudo em vão. O que eu ganhava mal dava para me manter bela... bela para eles, mas pensando nele. Assim, tudo o que me pagavam era utilizado para me autoproduzir... não havia excedentes.

*Uma perda de tempo... e de vida!*

Tentei voltar à antiga vida... a Carlos, mas a essa altura ele não podia sequer ouvir falar no meu nome.

*Eu tentei... por Deus, eu tentei!*

— E como tentei!

Jamais consegui resgatar o passado e a prova estava na minha frente. Sozinha, mas rodeada de pessoas. Outros homens, novas amizades, novos rumos.

Uma vida sem sentido e sentindo muito.

Por infinitas e intermináveis noites, muito antes da morte de Carlos, vi-me saudosa de sua presença física e sem qualquer chance de um compartilhamento de memórias.

Os momentos partilhados, bons e maus, eu tinha certeza de serem somente meus; sabia dele tê-los apagado por completo de suas lembranças. Para ele um vácuo que, para mim, se apresentava repleto de tudo; uma boa parte da minha vida não se prendia a nada... um nada num tempo de uma só face, uma exclusão unilateral.

Não poder partilhar a relação que tivemos com os amigos mútuos que sobraram, pesava tanto como compartilhá-las com os estranhos a ele, por mais íntimos que me fossem.

Sem poder comentar com ninguém que de fato importasse sobre as características especiais

daquela pessoa, seus feitos e êxitos, o sofrer me levou a enterrar tudo no íntimo.

*E isso me impediu de recompor minha vida e de fato seguir em frente.*

Um peso que só agora saiu.

Saiu com o reconhecimento da morte dele, um entendimento de cabeça e coração.

Fiquei alguns instantes simplesmente a olhar o espelho e as cenas que se reproduziam uma em seguida à outra.

*Como eu era bonita!* Uma paixão por mim mesma, embora não tão forte como à época.

Fatos daquela mesmice continuaram.

— Eu estava parada no tempo... andando... falando... pensando... mas, parada. Ao menos uma parte da minha vida tinha parado no tempo. E eu não sabia disso, não até agora.



**O quarto pedaço** o de vermelho-rubi e de todas as tentativas de reconciliação frustradas.

Tinha perdido minha identidade, sabia disso, e precisava recompor a *auto-identidade*.

A antiga estava perdida juntamente com todos os que me rodearam naquele meio. Um meio pertencente ao Carlos e que ficou com ele. Era

imperativo e urgente eu estabelecer uma nova identidade para mim mesma.

— Mas como?

Vi-me repetindo a mesma pergunta em diferentes estágios da vida que levava, mas vi também que nada de concreto tinha conseguido fazer para mudar o que vinha acontecendo. A vida ia me levando. Eu estava vendo tudo novamente, como em um replay. Tudo estava ali no pedaço de espelho, cenas e mais cenas... fatos e mais fatos.

Uma vida de dedicação ao amor e aos amores, nas suas mais diferentes formas.

Tudo, menos uma única frase que poderia ter mudado tudo.

“Sei que tudo mudou pra você, mas saiba que pode contar comigo.”

— Não! Estas palavras não estão no tape, porque nunca foram ditas. Por ninguém.

Como eu precisava tê-las ouvido.

*Também, quem sabia do tamanho da minha perda... da minha dor... a não ser eu mesma.*

Choro sozinha em uma das cenas. “Viúva de homem vivo”. Escuto, conluo, e torno a chorar. Dessa vez de raiva.

Sinto a vertigem característica do desmaio.

E caio novamente.

*Pura sofrência!*

Quando acordo, tenho um corte profundo em uma das mãos. Um dos cacos tinha ficado preso numa fresta do assoalho. Levanto-me com muita dificuldade, ainda com aquele pedaço de vidro atravessado na pele. Retiro-o com um puxão e nada sinto, havia dores maiores para pensar.

Desta vez não tem choro.

Não tenho mais lágrimas para derramar.

Olho para a peça presa entre os meus dedos, vermelho com vermelho, e mais vermelho.

Atento aos detalhes, vermelho-sangue nas bordas, vermelho-rubi de um fundo emanado pelo objeto... e o vermelho do meu sangue escorrendo pela mão.

Procuro por um lenço, passo no peito e o enrolo na mão, e isso contém o sangramento.

Olho no espelho.

Interpreto meus lamentos como injustiçada.

Cresce a raiva.

“Aquele desgraçado! Vai me pagar!”

Reescuto essas palavras e minha boca repete:

— Aquele desgraçado! Vai me pagar!

Paro para pensar.

*Mas “Ele” está enterrado. Eu já sabia disso, e agora eu vi.*

— Me pagar?... como?

*Impossível!*

É... eu tinha que aceitar que Carlos estava morto... enterrado... e... bem longe. Longe o suficiente para que qualquer maldade do mundo pudesse alcançá-lo... a minha inclusive.

Lembrei-me de que esse era um dos pontos positivos que ele via na morte.

*Uma morte de libertação!*

Não choro, mas não posso evitar o soluço. Um soluço persistente, como se ainda tivesse anos de passado para ser expulso do peito.



— Azul! Adoro azul!

Eu tinha a certeza de que aquele pedacinho de espelho traria consigo uma nova história, uma nova fase da minha vida. E trouxe. E embora eu já soubesse que essa também seria uma fase curta, temporária, ainda sinto que foi muito importante.

“Na vida, a não ser a própria vida, tudo é temporário.” Na verdade eu não sei se Carlos disse isso... mas deve ter dito. *Acho que sim!* — Sim! Ele disse!

Tinha adotado uma nova imagem para mim. Se não podia ter uma nova-identidade, criaria uma nova-imagem. Se não podia apagar o passado, forjaria um novo futuro. E o fiz!



Comecei a me mostrar mais, enamorada que estava pela minha nova existência.

— É... eu sou mesmo! — Concordei, quando no espelho me peguei dizendo ser melhor e mais bonita que todas as “zinhas” que estavam por ali.

*Será?* — Não! Não mais! — Não era preciso que o espelho me refletisse naquela hora.

*Mas que era... era!* — E como... eu podia por qualquer uma no chinelo.

Carla apareceu e, para mim, ela representava todas aquelas que viviam para me contrariar.

— Tá brincando, aquela zinha é uma barata tonta — respondi raivosa sobre a mera menção da nova garota de Carlos.

— Barata tonta, mas está com ele. Está por cima da carne seca.

— Pra quem gosta de merda, é um prato cheio.

— Nice, você está vendo o mundo a partir de você. Olhe ao seu redor. A mina é uma gata... e tem metade da sua idade.

— Grande bosta, dou de dez a zero.

— Sei não.

— Carla, você é minha amiga ou dela?

— Sua, é lógico, mas isso não me impede de ver o que está à minha volta.

A conversa encerrou aí.

Comecei novamente a sentir raiva da Carla e, pelo que consigo me lembrar, à época fiquei furiosa. Fiquei meses sem falar com ela.

*Também, onde já se viu me comparar àquela insonsa.*

Ainda bem que acabou, isto já estava me enchendo.

Coloquei o pedaço junto aos demais.



Sinal verde.

*A verdade!*

Sim, nessa altura já não mais significava a esperança. Não era o verde da cor e sim do raio. O raio que dissolve as ilusões do ego, revelando a verdade, e promovendo a cura.

O *playback* estava sendo montado em tempo real, meus movimentos sincronizados com minhas falas ao longo dos tempos. Às vezes minhas ações de uma época e falas de outra, anterior ou futura. Outras vezes a simples falta de ação em resposta à fala. E, ainda, a fala com resultados estranhos.

Era o passado sendo remontado com vista às suas consequências no futuro.

*Eu disse isso?*

*Não é possível que eu tenha feito isso?*

Mas o pedaço de espelho não mentia, seu reflexo verde de fundo começou a se expandir, e a sala inteira tomou a coloração de verde-limão.

Uma névoa esverdeada começou a escorrer pela parte de baixo do objeto em minhas mãos. Escorreu em cascata até tocar o assoalho e se esparramou sobre ele. Em instantes uma grossa camada de cerração verde cobriu todo o piso até a altura dos meus joelhos.

Chispas de raios verdes saíram da parte alta do caco de espelho e resvalaram lentamente pelos cantos da sala. Por várias vezes passaram bem próximas do meu corpo, algumas até o circularam, como se fossem vivas e inteligentes. Uma mais afoita formou uma espiral à minha volta.

No espelho as cenas foram submetidas a nova montagem: pensamentos, palavras e atos agora em perfeita sincronia, e, como resultado, cenas de uma vida em muito diferente daquela que eu havia vivido nesses meus setenta anos. Melhor, menos difícil, e mais prazerosa.

Estava muda. Pensamentos silentes.

Boquiaberta.

Quieta.

— Não! Não há o que questionar.

Parecendo obedecer a um comando maior, tudo desapareceu como que por encanto.

Olhei os pedaços sobre a mesa. Seis deles.

Podia me ver refletida naquele aglomerado, faltava um pedaço, e me faltava o olho esquerdo. Olhando assim, parecia ter sido arrancado.

— O que falta vir?



O sétimo pedaço pareceu ganhar vida. Saiu do chão onde estava e levitou até a mesa. Tomou posição sobre as peças juntadas, girou, e desceu até se encaixar. O quebra-cabeça estava montado.

Primeiro ele se iluminou em cor violeta que foi ficando mais forte até tomar todo o objeto. Depois, as partes se uniram e as trincas sumiram. O espelho estava intacto.

20

No reflexo eu tinha de volta meus vinte anos. Passei uma das mãos no rosto. Lisinho. Olhei para uma das mãos e depois para a outra. Lisas.

— Eu nunca fiz essa tatuagem — incrédula, falei para mim mesma, me referindo à visível *tatoo* que tomava todo o olho esquerdo. Um olho sobre o outro.

*O olho de Hórus! A proteção contra o infortúnio do além.*

Senti outra presença no ambiente.

A euforia tomou conta de mim.

Ele estava ali, eu tinha certeza.

Veio me buscar.

A mão dele estava estendida. Agarrei firme e fomos sendo levados por um raio violeta rumo ao infinito.

No quarto, sentada em uma cadeira e debruçada sobre uma mesa, jazia o corpo de uma velha com o rosto colado em um espelho.

Era o fim de um capítulo de uma vida.

A minha vida!

Leia também:

## O CIÚMES NO BANCO DOS RÉUS

Investigação e julgamento do “Ciúmes” por suposto envolvimento em crimes de homicídio e de incentivo ao suicídio. O relato simula o ritual do Tribunal do Júri, com detalhes precisos da maneira que as partes atuam, as condições subumanas a que o acusado quase sempre fica exposto, e a luta dos advogados em defesa dos seus clientes.



O Egrégora